



OUTROS MODOS DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ESCOLAS BILÍNGUES DE SURDOS

Juliane Andresa Alves Nunes - UFRGS

julianeaanunes@gmail.com¹

Graciele Marjana Kraemer - UFRGS

graciele.kraemer@gmail.com²

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo investigar como tem ocorrido o ensino de língua portuguesa nas escolas bilíngues de surdos no Rio Grande do Sul. Considerando a prática docente, tensiona-se a metodologia utilizada no processo de ensino da língua portuguesa. Neste aspecto, centra-se a presente análise na estrutura e sintaxe da língua portuguesa e nos recursos pedagógicos que contemplam os livros didáticos e materiais específicos. A partir de uma perspectiva cartográfica, compreende-se que para a construção das habilidades e competências dos alunos surdos na língua portuguesa, em sua modalidade escrita, torna-se fundamental que os saberes pedagógicos estejam inscritos em uma perspectiva de cidadania linguística. Na educação de surdos, a cidadania linguística contempla o currículo, a formação pedagógica e as metodologias e práticas acionadas pelos docentes.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Educação de Surdos. Cidadania Linguística.

Introdução

A comunidade surda, pesquisadores, professores, estudantes e sujeitos surdos, têm há mais de três décadas, assumido uma postura política de afirmação da diferença surda, em uma perspectiva cultural. Em 03 de Agosto de 2021 — com a promulgação da Lei nº 14.191, que dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) — a afirmação da diferença cultural dos sujeitos surdos ganha espaço político-legal.

¹ Formação em Letras pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) e Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Pós-graduada em Tradutor intérprete de Libras pela Faculdades de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA) e Orientação e supervisão escolar pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER) . Atuante como intérprete de Libras e como professora na disciplina de Língua Portuguesa em escola especial para surdos. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa Estudos Culturais (PPGEdu/UFRGS). E-mail: julianeaanunes@gmail.com

² Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduação em Educação Especial - Deficientes da Audiocomunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestrado e Doutorado em Educação (UFRGS). E-mail: graciele.kraemer@gmail.com



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

Resultado dos movimentos políticos da comunidade surda no Brasil, que nestes últimos anos têm afirmado os direitos linguísticos a partir de uma perspectiva de educação bilíngue para o desenvolvimento linguístico dos surdos, passa a ser legitimada na perspectiva educacional brasileira. Na educação bilíngue de surdos, o processo de instrução preconiza o uso da língua brasileira de sinais (Libras) e, da língua portuguesa, como recurso de registro dos conhecimentos desenvolvidos. Entretanto, são línguas com estruturas distintas, pois a língua portuguesa constitui-se em uma estrutura oral-auditiva, enquanto que a língua brasileira de sinais é visual-espacial. São estruturas que se diferenciam, considerando os canais de comunicação e compreensão, distintos entre surdos e ouvintes.

No que se refere às inscrições políticas de uma perspectiva educacional bilíngue para surdos, Lodi (2013) em seu estudo sobre os diferentes sentidos de educação bilíngue na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e no Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2005), destaca uma diferença importante nos sentidos de educação bilíngue para surdos assume nestes dois documentos. Segundo a autora, enquanto que no Decreto “a Libras adquire papel central em toda a educação das pessoas surdas e o português, em sua modalidade escrita, é tratado como segunda língua, [na] Política a Libras [é deslocada] de seu status de primeira língua para as pessoas surdas, marcando a hegemonia da língua portuguesa durante todo o processo educacional”. (LODI, 2013, p. 58). Com isso, “a Libras adquire, no texto da Política de Educação Especial, caráter instrumental, distanciando-se de seu status linguístico”(LODI, 2013, p. 56).

Cabe destacar que, por meio da Libras, o sujeito surdo constrói conhecimentos, expressa suas ideias, sentimentos, emoções e interage linguisticamente com a sociedade. Trata-se da cidadania linguística, constituída em um conjunto de práticas que tem como foco principal garantir o direito comunicacional aos sujeitos surdos, uma vez que,

No campo educacional, a cidadania linguística está implicada com o desenvolvimento de distintas estratégias que instrumentalizam os saberes e as ações pedagógicas e que mobilizam o processo formativo dos sujeitos envolvidos. Ela não condiciona o uso da língua de sinais a um processo de instrumentalização comunicacional, mas a compreende como direito linguístico que perpassa as ações pedagógicas e educacionais. (KRAEMER; PONTIN; LOPES, 2020, p. 5).



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

OUTROS MODOS
DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

Nessa perspectiva, os saberes pedagógicos para a educação de surdos — inscritos em uma perspectiva de cidadania linguística — partem da especificidade da comunicação e interação dos estudantes surdos. Assim, os saberes pedagógicos mobilizados pelo uso de recursos visuais, possibilitam assimilações de significados já existentes no repertório vocabular do sujeito surdo, constituindo distintas possibilidades para que o aluno atribua sentido à palavra escrita e configure seu significado no contexto da comunicação em Libras. Portanto, ao compreender “a surdez como uma forma histórica de subjetivação” as distintas formas de ser surdo mobilizadoras de processos de subjetivação são “imane[n]te[s] a uma questão da diferença linguística”. (WITCHES, LOPES, COELHO, 2019, p. 3-4). A partir desta compreensão, na sequência apresentamos a cartografia das cenas pedagógicas, como possibilidade analítica da presente pesquisa.

A partir da perspectiva cartográfica, desenvolvemos uma análise do material pedagógico e da própria prática para o ensino da Língua Portuguesa para surdos, destacando os processos instituídos ao longo do ensino da disciplina, com utilização dos materiais impressos, jogos e metodologias aplicadas. Finalizamos ressaltando que na educação de surdos, a cidadania linguística contempla o currículo, a formação pedagógica e as metodologias e práticas acionadas pelos docentes.

Cartografando o Ensino da Língua Portuguesa para Surdos

O objetivo do presente estudo é analisar o ensino de língua portuguesa em escolas bilíngues de surdos no Rio Grande do Sul. A partir da prática docente, tensiona-se a metodologia utilizada no processo de ensino da língua portuguesa. Para tal, a cartografia das cenas pedagógicas — conversas em sala de aula, trocas de experiências entre colegas de escola, momentos de jogos e atividades distintas — constitui a perspectiva metodológica. Os registros foram produzidos nas práticas pedagógicas desenvolvidas por uma das autoras, em escolas especiais de surdos do Rio Grande do Sul, mais precisamente em Porto Alegre. São cenas escolares produzidas em instituições da rede pública e da rede privada de ensino.



OUTROS MODOS DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

9º SBECE | SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO
6º SIECE | SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

Cabe destacar que “o método cartográfico tomou rumos de experimentação na educação e vem produzindo efeitos diferentes daqueles que se espera previamente ao adentrar a pesquisa em educação. Este método não é prescritivo, tampouco segue um roteiro pré-definido de observação, análises e inferências”. (GIORDANI et al. 2015, p. 4). Mais especificamente, “trata-se de um movimento processual, de um envolvimento co-relacional, cooperativo e colateral, de construção de mapas, de esquemas, de observações, de anotações, de interferências e de inferências que se entrecruzam em meio à pesquisa”. (GIORDANI et al. 2015, p. 4).

A cartografia é utilizada para que o observador não fique sozinho ao longo de seu percurso observando o objeto, assim como ela acompanha o movimento dos acontecimentos do cotidiano, pois nesse caminho não há nada planejado, as histórias vão acontecendo e se desenhando com seu decorrer. Nesta possibilidade investigativa, o pesquisador ganha centralidade conforme seu encontro com o campo, e assim, produz percepções, sensações e afetos acerca do objeto pesquisado. Portanto,

A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método - não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um hódos-metá. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (ESCÓSSIA, 2009, p. 17).

Esse método foi escolhido por se tratar de um “mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência - o que podemos designar como plano da experiência” (ESCÓSSIA, 2009, p. 17). Assim adentra-se nas próprias lembranças, experiências e nas cenas que marcam a própria trajetória docente, especificamente no que diz respeito às práticas e seus efeitos no ensino com alunos surdos em escolas especiais.

Cenas da prática pedagógica na Educação Bilíngue de Surdos

A prática pedagógica está inscrita em saberes múltiplos, articulados às experiências docentes singulares e aos contextos sócio-culturais que caracterizam a finalidade escolar. Sob esta perspectiva, nesta seção são entrelaçadas cenas escolares aos saberes que mobilizam a prática docente. Assim, apresenta-se o relato de uma aluna sobre o jogo de SVC (sujeito, verbo e complemento), a partir da compreensão da estrutura frasal. Esse jogo foi desenvolvido em uma turma do ensino médio de uma escola bilíngue de surdos:

Em meio a um jogo sobre estrutura frasal surge a palavra ‘coral’, que seria definida como um grupo de pessoas cantando (assim que explico/traduzo para os alunos). Na escola temos uma professora chamada ‘Carol’, aí surge a dúvida. Antes preciso explicar que utilizo o método SVC - Sujeito+Verbo+Complemento (inspirada no método Fitzgerald³), para exemplificar e, se tornar visual, a estrutura frasal em língua portuguesa para os alunos surdos. Neste sentido, o ‘coral’ serve como advérbio de lugar(C) e ‘Carol’ substantivo (S).

Após confundir ‘coral’ e ‘Carol’, ou pensando ela ser a mesma coisa, quer dizer, ter o mesmo sentido, o questionamento da aluna foi o seguinte: - Professora, como vou usar ‘coral’ em S se ele está com letra minúscula e nome de pessoa é com letra maiúscula? Neste momento não percebi que as palavras eram parecidas, então peguei o papel com a palavra ‘coral’ e coloquei no espaço de C do jogo e mostrei a ela que seria ali o local correto, ela voltou a questionar, então eu percebi o equívoco. Disse que ela estava certa quanto ao uso da letra maiúscula no início da frase, mas que havia se atrapalhado no sentido da palavra. Escrevi as duas palavras no quadro e expliquei a diferença de sentido e de uso delas.

(Sala de aula. Abril 2022)

A partir da cena pode-se observar que a aluna retoma as memórias de suas aprendizagens para a efetiva participação no jogo, questionando as sentenças apresentadas. Desta forma podemos perceber o aprendizado já adquirido pela aluna, assim como os demais alunos puderam presenciar essa situação e construir um repertório de conhecimentos acerca do jogo.

O mesmo jogo, usado em outro momento, trouxe uma nova situação, agora de descoberta da estrutura frasal, em relação a sua organização e utilização na forma escrita.

³ a Chave de Fitzgerald, desenvolvido, em 1926, por uma professora surda, Edith Fitzgerald, com o objetivo de ensinar regras por meio das quais os estudantes surdos pudessem criar orações corretas no inglês, bem como encontrar e corrigir os próprios erros nas redações (FITZGERALD, apud MOORES, 1996). Esse método é analítico/ gramatical, segundo o qual a língua é organizada em estruturas que obedecem a graus crescentes de complexidade sintática. Por meio de repetição, substituição e memorização espera-se que os estudantes generalizem as estruturas frasais trabalhadas e as usem em outros contextos.



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

Após muito explicar sobre as classes gramaticais, suas funções e empregos nas frases em língua portuguesa, resolvi apresentar um painel, uma espécie de jogo da estrutura frasal: SVC (sujeito - verbo - complemento). Em um primeiro painel dividi o SVC e suas classes, sendo o S - Sujeito (pronomes e substantivos), Verbos (conjugados segundo tabela verbal previamente estudada) e C - Complementos (adjetivos, advérbios, adjuntos...). Dado isto, trouxe o jogo para a sala de aula e solicitei que os alunos manipulassem as palavras escritas em retalhos coloridos de papel e as encaixassem no painel. Neste painel haviam prendedores de roupa para que colocassem os pedaços de papel, assim fazendo a construção da frase de acordo com a estrutura frasal já apresentada anteriormente.

Um dos alunos observa por bastante tempo os papéis com as palavras ou expressões enquanto os demais tentam montar as frases com algum sentido. Encontram o sujeito, mas não combinam com os verbos, pois sua terminação não é a mesma da tabela de verbos, que já conhecem. A ordem é clara: a frase precisa combinar, ou seja, estar de acordo com a pessoa e o verbo (concordância verbal), assim como o complemento ser coeso (concordância nominal).

Esse aluno que observa, mas não monta nenhuma frase olha para o painel com algumas frases montadas e diz:

- É assim que eu uso as palavras escritas?

Eu respondo que sim, que existe uma lógica para a construção das sentenças em língua portuguesa. Ele novamente olha para o cartaz e monta a sua primeira frase cuidadosamente. Observando o verbo ele olha para a tabela disposta na sala, procura novamente o verbo adequado para aquela pessoa (S) que escolheu. No final da montagem, vira para mim e diz:

- Eu nunca tinha pensado que era assim que usava o português, que as palavras precisavam combinar, 'a' com 'a' (se referindo aos substantivos femininos e complementos que os seguem) 's' com 's' (sobre o plural) e verbo igual a tabela (conjugações de acordo com a pessoa e o tempo).

Passou um tempo olhando os colegas fazerem as frases, esses que já tinham se dado conta de como funcionava o jogo. O aluno ficou pensando e refletindo sobre o que havia aprendido naquele momento.

(Atividade em sala de aula. 2019)

A forma visual das palavras contribui para que o aluno surdo efetive hipóteses e relações em sua memória, assim construindo estruturas de aprendizagem na língua portuguesa. Ao observar a palavra e lembrar o seu significado o aluno está aumentando o seu vocabulário para uma posterior escrita ou compreensão de leitura.

Karnopp (2012) traz em seu estudo que mesmo a pessoa que se utiliza da escrita de forma contínua ela pode encontrar dificuldades em organizar as ideias e obedecer às convenções



gramaticais estabelecidas pelas línguas. A autora destaca as dificuldades no aprendizado da língua portuguesa como segunda língua, defendendo que “começar o estudo de uma língua estrangeira é se colocar em uma situação de não saber absoluto, é retornar ao estágio do infans, do nenê, do iniciante, refazendo a experiência da impotência de se fazer entender” (KARNOPP, 2012, p. 75). Quando aprendemos uma nova língua, fazemos associações entre a nossa língua natural e a segunda língua, quando percebemos a falta de equivalência em inúmeros casos, as dificuldades vêm à tona e reflexões sobre esse processo de aprendizagem são permanentes.

A língua portuguesa é complexa em sua estrutura gramatical e na coesão linguística. Essa complexidade é vivenciada pelo aluno ouvinte e é ampliada para o aluno surdo, que a desenvolve como segunda língua, no registro escrito. Isso requer que o professor utilize estratégias distintas para o ensino, dando suporte para a compreensão, sistematização e analogia de termos, sentenças e semelhanças da estrutura linguística. Assim, na viabilidade de pensar a cidadania linguística, quando falamos dos métodos e materiais utilizados no ensino da Língua Portuguesa para surdos, torna-se crucial atentar às condições de aprendizagem, considerando as peculiaridades e especificidades linguísticas dos sujeitos surdos. Isso implica atentar a materialidade dos recursos pedagógicos utilizados no ensino de alunos surdos. Enfoque desenvolvido na sequência.

Análise de material Pedagógico no Ensino da Língua Portuguesa para Surdos

Os materiais didáticos utilizados na análise deste estudo compreendem os objetos de uma das autoras, suas experiências com materiais compartilhados com outros colegas de escola e o livro “Em mãos: português como segunda língua” (2018), elaborado por quatro docentes, Donatella Camozzato, Maria da Graça Casa Nova, Suzana Silva Zaffari e Tatiane Folchini dos Reis. Este livro objetiva trazer de forma didática possibilidades estratégicas para a educação de surdos, está disponível em formato digital e de acesso gratuito para o público, disponibilizado pela Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (FADERGS). O livro foi produzido a partir da falta de material didático, com metodologia adequada para o ensino de surdos, que



OUTROS MODOS DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

considerasse a aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita e o processo de instrução em Libras.

O material é dividido por temas como: Animais, Minha vida, Hora da diversão, Imagens que contam, e Ao professor, onde são desenvolvidas atividades que englobam questões distintas, incluindo vocabulário. Há uma seção de 'iconografia', onde são colocadas algumas imagens icônicas para chamar atenção de certas partes do livro ao longo do estudo. Para tal, sempre que a imagem aparecer (junto com a palavra) é preciso lembrar o que ela significa. Com histórias contadas apenas por imagens e expressões dos personagens, o livro é constituído por imagens, desenhos, fotos e muito colorido, com espaços para que o aluno desenvolva as atividades.

Na educação de surdos há uma prevalência de materiais adaptados, estes que na maioria, são criados a partir de materiais elaborados para estudantes ouvintes. Os materiais de apoio visual contribuem de forma singular na aprendizagem dos estudantes surdos, pois estes podem ser utilizados na sala de aula, ou em casa, no seu caderno ou lugar de estudo. Strobel (2009) diz que o sujeito surdo encontra o mundo com os olhos e, essa experiência visual, favorece a comunicação com o meio. Skliar enfatiza sobre a experiência visual:

[...] a surdez é uma experiência visual [...] e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual. Não é possível aceitar, de forma alguma, o visual da língua de sinais e disciplinar a mente e o corpo das crianças surdas como sujeitos que vivem uma experiência auditiva. (SKLIAR, 2013, p. 28).

Materiais visuais apoiam a aprendizagem de alunos surdos pois favorecem a apreensão dos esquemas linguísticos e contribuem na construção dos sentidos em língua portuguesa. Ao propor um jogo que remete a estrutura da língua portuguesa, por exemplo, o aluno busca na memória as classes gramaticais que aprendeu, bem como os significados de palavras ali presentes, atrelando sentido a frase, assim podendo montá-la de forma a contemplar a estrutura gramatical de sua segunda língua. Durante os jogos, os alunos questionam significados e debatem a escrita das palavras, nestas situações surgem dúvidas e discussões sobre a forma escrita, significado, colocação na frase, utilização como verbo e substantivo entre outros.



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

OUTROS MODOS DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

Segundo Falkembach “o jogo por meio do lúdico pode ser desafiador e sempre vai gerar uma aprendizagem que se prolonga fora da sala de aula, fora da escola, pelo cotidiano e acontece de forma interessante e prazerosa” (FALKEMBACH, 2006, p. 2).

As atividades impressas são utilizadas em distintas atividades com alunos surdos, contar com imagens explicativas, escritas de sinais e outros artifícios favorecem o aluno no processo de compreensão e de sistematização do sentido linguístico. Outro recurso são os mapas mentais, que junto com as palavras possibilitam o desenvolvimento do sinalário, ou seja, o conjunto de sinais dos conteúdos que estão sendo estudados. Os mapas são fixados em sala de aula ou então, entregues aos alunos para que possam contribuir em seus estudos e no desenvolvimento de atividades avaliativas.

Através dos recursos e materiais utilizados para o ensino de alunos surdos, torna-se possível desenvolver práticas pedagógicas que contemplam as especificidades linguísticas dos estudantes surdos. Assim, tratar a questão cultural e linguística como princípio na prática pedagógica, é pré-condição para a aprendizagem de surdos. A escola como espaço de formação, ao promover o desenvolvimento de alunos surdos, é convocada a possibilitar o acesso, compreensão e desenvolvimento linguístico do aluno surdo como condição para a cidadania.

Considerações finais

Ao analisar materiais didáticos utilizados pela docente que atua no ensino da língua portuguesa em escolas especiais para surdos, verifica-se um importante movimento comparativo entre imagem, sinal em libras e a palavra em português, sendo essa uma estratégia pedagógica utilizada para orientação de escrita e seu significado. Os alunos surdos desenvolvem assim, o repertório vocabular e com isso compreendem melhor o sentido de frases, textos e sentenças. Esse processo possibilita a relação com outras hipóteses linguísticas, fundamentais ao desenvolvimento dos estudantes.

Frente às cenas destacadas pela cartografia da sala de aula, destaca-se formas específicas de interação com a Língua Portuguesa na prática pedagógica desenvolvida na educação de surdos. Estas formas constituem processos de interação nos códigos linguísticos e mobilizam



aprendizagens múltiplas. Assim, a prática pedagógica, o currículo e a formação constituem elementos substâncias à cidadania linguística dos sujeitos surdos.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 15 de março de 2022.

_____. **Decreto nº 5.626**, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em 15 de março de 2022.

_____. **Lei nº 14.191**, de 3 de Agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>, Acesso em 15 de março de 2022.

BITTENCOURT, Daniele F. C. Denardin de et al. Acessibilidade do objeto de aprendizagem para surdos. In: **I Seminário Luso-brasileiro de Educação Inclusiva**, 2017, Porto Alegre – RS. Anais do 1º Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e aprendizagem em discussão, 2017.

CAMOZZATO, Donatella... [et al]. **Em mãos**: Português como segunda língua - Para surdos. Porto Alegre: Pacartes, 2017. Disponível em <https://faders.rs.gov.br/versao-em-pdf-de-livro-focado-na-educacao-de-surdos-esta-disponivel-para-download>. Acesso em 25 de abril de 2022.

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FALKEMBACH, Gilse A. Morgental. **O lúdico e os jogos educacionais**. CINTED-Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, UFRGS. 2006. Disponível em: http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa1/leituras/arquivos/Leitura_1.pdf. Acesso em 14 de junho de 2022.



OUTROS MODOS DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIORDANI, liliane ferrari; GAI, daniele noal ; MARINS, cássia lobato . cartografando currículos na educação de surdos: saberes e práticas docentes entre-diferenças. reflexão e ação (online), v. 23, p. 79, 2015. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v23i3.6047>.

KARNOPP, Lodenir Becker. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos. In: FERNANDES, Eulalia (org.). **Surdez e bilinguismo**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KRAEMER, Graciele Marjana. LOPES, Luciane Bresciani. PONTIN, Bianca Ribeiro. **Cidadania linguística e a educação de surdos**.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 39, p. 49-63, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100004>

MOORES, D. F. Educating the deaf: psychology principles and practices. 4. ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1996.

PEREIRA, M. C. da C. **Leitura, escrita e surdez**. Secretaria de Educação CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2005.

QUADROS, Ronice Muller de. Idéias para ensinar português para alunos surdos. 1. ed. Porto Alegre: Gráfica Palotti - MEC, 2006. v. 1. 120p .

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia e Sociedade* (Impresso), v. 21, p. 166-173, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003> .

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

WITCHS, Pedro Henrique; LOPES, Maura Corcini; COELHO, Orquídea. Formas possíveis de ser nas políticas linguísticas de educação de surdos em Portugal. **Educação & Sociedade**, v. 40, p. 1-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019202053>